

# A CASA TOMBADA

Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

Pós-Graduação Latu Sensu

CAMINHADA COMO MÉTODO PARA A ARTE E EDUCAÇÃO

Turma\_5 2023/2024

Rio do Peixe: Cartografia de uma caminhada

Aline Aparecida Lages Thomaz

Concepção e Coordenação da Pós-Graduação:

Profa. Dra. Honoris Causa Edith Derdyk

Assistente de Coordenação: Profa. Ma. Bárbara Melo

Direção Geral d'A CASA TOMBADA:

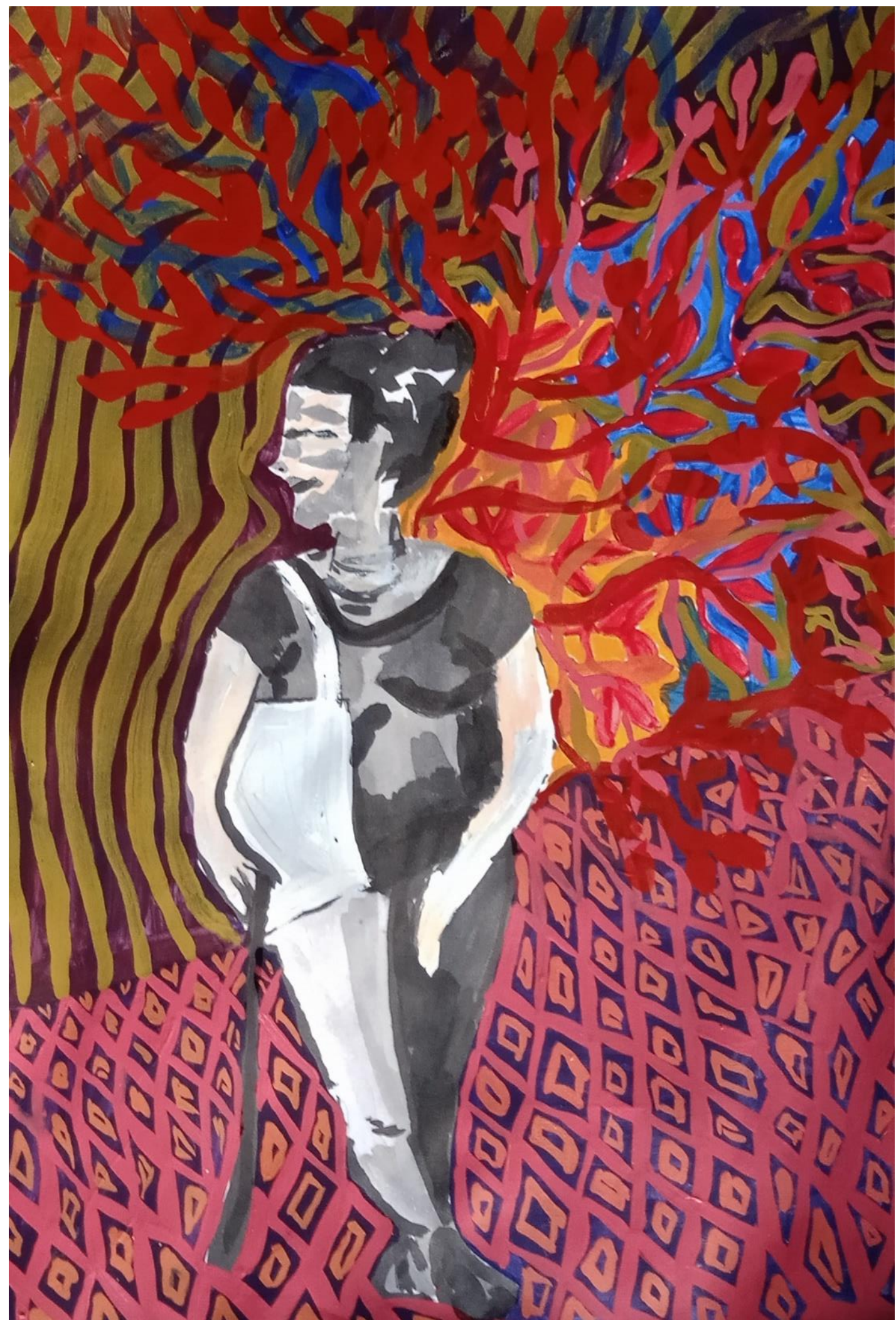
Profa. Dra. Ângela Castelo Branco Teixeira

Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

## **RESUMO**

Larrosa (2016) diz que a experiência é o que nos passa, nos acontece e nos toca e, que, apesar de passarmos por tantas coisas, a experiência é cada vez mais rara. Conto a minha história através da caminhada pelas veredas do Rio do Peixe. Rio que atravessa a cidade de Dom Joaquim, minha Terra Natal; contorna e dá forma ao terreiro de minha infância, foi nele que aprendi a nadar. Margeando-o, caminhei entre os pontos Xambá e Chácara Córrego do Engenho, entre a casa dos meus avós paternos e maternos. São aproximadamente 16 quilômetros em que seus meandros cantam as minhas memórias de infância, das pessoas e de suas histórias. Foram várias as caminhadas, seja: desbravando a mata, navegando em uma canoa ou nadando. Nesse movimento dos pés, escutei a voz do rio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Caminhada. Arte. Natureza. Memória.



O rio que corre em minha aorta nasce de um feixe d'água que perpassa o quintal de minha infância. Ele me conecta com a ancestralidade e com as histórias de vida que se entrelaçam com a minha. Para mergulhar em suas águas coloco os meus pés, um após o outro, em um movimento investigativo e poético. A estética de se conhecer através das solas dos pés. Do contato dos meus pés com o chão brota a minha narrativa. Miro no espelho de suas águas e vejo minha imagem refletida, pergunto-me: Quem sou eu?







## **Caminhar uma trama sem fim**

Lembro-me das noites, ao redor do fogo, em que alguém sempre puxava um caso alinhavando os afazeres diários com as questões do coração. Esses momentos, no qual a conversa se assemelhava à costura; o desenlace dos fios da trama apontava para vários desfechos e outros enredos fazendo com que a tessitura final da trama ficasse sempre com a ideia de incompletude, de inacabada, ainda por fazer. Às vezes, um único fio se estendia por diversas histórias.

Quero contar agora, por meio de passadas, a minha história às margens do Rio do Peixe, esse rio que atravessa a cidade de Dom Joaquim, minha Terra Natal. Quero contar de suas águas, do seu percurso, das pedras, das plantas, dos bichos... Esse rio contorna e dá forma ao terreiro de minha infância, foi nele que aprendi a nadar. Rio que é também ponte e me desloca ao encontro das minhas memórias, das pessoas e de suas histórias. Quais as histórias esse rio traz em si?

Desejei conhecer melhor o Rio do Peixe, margeando-o, entre os pontos Xambá e Chácara Córrego do Engenho, entre a casa dos meus avós paternos e maternos. São aproximadamente 16 quilômetros em que seus meandros cantam as minhas memórias de infância em suas histórias sem fim. Foram várias as caminhadas, seja margeando o rio, desbravando a mata, nadando, em uma canoa, dormindo em sua margem ou em caminhadas mais curtas, sozinha ou acompanhada. Nesse movimento dos pés, escutei a voz do rio.





## O fio do amor

Quando meu pai, com seus olhos caramelos marejados, embriagado de cachaça e poesia, começava a cantar “Índia seus cabelos nos ombros caídos” GALHARDO (1939) eu mesmo pequena, sem entender muito bem aquele gesto, me perguntava sobre o que é o amor. Não sabia que ele iria embora tão cedo para bem distante, e que aquele adeus, deixaria saudades do que ele nos deu. As películas de Almodóvar para mim têm a cor e a tessitura da história de amor entre o meu pai e a minha mãe. A tomada dos filmes na cor vermelha me remete ao fogo e suas labaredas que aqueciam aquela panela de ferro e aos nossos corpos que aguardavam a hora do alimento, onde, todos reunidos celebrávamos a existência da família a qual pertencemos. A memória desse tempo me surge como faíscas e acende o meu desejo de saber melhor o já sabido de minhas experiências.

As caminhadas, margeando o Rio do Peixe, entre os dois pontos, Xambá e Córrego do Engenho, simbolizaram colocar o meu corpo, nesse percurso na tentativa de responder à minha pergunta de criança: o que é o amor?

Durante dias, propus-me a caminhar nesse trajeto, margeando o rio, hora à sua direita, hora à sua esquerda. Escolhi caminhar em sua margem, pela mata ciliar, nos emaranhados das galhas das árvores, como se fosse um portal e também um lugar de esconderijo. Ao mesmo tempo, aquele percurso era porta e esconderijo, acompanhava-me a curiosidade que habita ao atravessar o portal e o medo do desconhecido. Meus pés ao tocarem o chão cantavam o som das folhas secas ao serem amassadas e as galhas quebravam em estalos, eram os contratempos daquela canção. No mesmo compasso, meu coração batia, às vezes acelerado pela emoção do desconhecido e da amplitude que é a experiência de caminhar sozinha na mata.

Questiono-me qual superfície quero penetrar ao escrever sobre essa minha experiência da caminhada? Como penetrar na experiência do amor através dos passos? Qual a escrita dos meus pés ao tocarem o chão? Como ler essa escrita? E como traduzir a escrita dos meus passos em palavras no papel?

## **A tessitura do amor**

No inverno, período de seca e poeira, habita nas folhas das plantas, milhares de carrapatinhos miúdos e vermelhos, também conhecidos por micuim. Eles ficam em bolos e aproveitam do distraído contato de um esbarrão com a planta para transferirem-se de casa, da folha das plantas passam para a pele, outro tipo de folha, a do corpo humano. Quando se percebe a presença deles, tardiamente, o corpo inteiro empola, numa coceira infernal.

Eu sempre andava com uma rama de alecrim do mato para varrê-los de minha roupa, mas, em alguns momentos, enlouquecida por aquela sensação, mergulhava no rio e deixava a roupa no sol para os demoniozinhos da mata fossem queimados pelos raios e, assim, disparassem em outra direção. Essa experiência trazia à memória, experiências longínquas em que minha mãe nos banhava na bacia de água morna catando os carrapatos. Após o banho, continuava com a aplicação de uma pomada de cheiro mentolado. Por vezes, os cuidados eram acompanhados de xingos e uma xícara de leite queimadinho. Era gostoso receber a atenção de minha mãe com aqueles cuidados. Ela que: tinha uma agenda cheia de tarefas domésticas da roça e tão pouco tempo para perder tempo.

“Perder-se no tempo para ganhar-se em espaços outros”. CARERI (2013) O andar é tão importante como o parar e, perder-se, carrega consigo o tema do encontro com o outro. A experiência do carrapato trouxe-me a consciência da qualidade de tempo que quero perder comigo e com os outros que amo e, até mesmo, os desconhecidos: bater um papo, passar tempo juntos, melhorando a qualidade e preenchendo a falta de sentido.

## O urdume do amor

Como inscrever a minha marca na paisagem em que pertenço? O Rio do Peixe tão generoso e acolhedor foi um dos meus primeiros mestres. Nele arrisquei as primeiras braçadas, era dele que coletava as pedras redondas, as mais redondas para depois brincar de matemática, de belisco. Ouvindo o rio observei o seu canto dentro do “Olho de Boi”.

Rio do Peixe, esse nome tão fértil me levou ao encontro do meu pai, o homem do campo. Trabalhava, trabalhava... Parecia aos meus olhos de criança, uma luta sem fim. Saia cedo, de madrugada e voltava tarde da noite. Todos os dias era assim. Não parava... Quando questionado sobre sair dali, respondia: “aqui temos tudo que precisamos: água, alimentos, terra...”. Quando tinha um tempinho, ele ia pescar. Quando meu pai jogava as varas, a fisga era bruta. Tilápias, traíras, mandis, eram muitas as espécies de peixes, mas, o que ele gostava mesmo, era o piau. E eram muitos, coloquem muitos nisso. Eram quilos e quilos de piau.

O piau, apesar das espinhas, é um peixe muito saboroso. Para mim, o mais saboroso deles. Além da gostosura, ele também é muito lindo. É um peixe mais esguio, com suas nadadeiras fortes e alongadas, os dentes afiados, as escamas duras e a pele com tons avermelhados. O piau puxa que é uma beleza. Na roça, costumam dizer que peixe marcha. Isso mesmo, quando ele fisga a isca, e dá o arranque na vara, o povo chama de marcha. Era uma briga danada boa de ver. Pai puxava de um lado, a vara de bambu entortava, e o piau puxava do outro. Algumas vezes o peixe escapava, mas, na maioria era pai que ganhava as batalhas. Mesmo sendo um momento de distração, pai levava mais alimentos para casa. Ele se distraía e trabalhava ao mesmo tempo. E o rio transbordava sua generosidade fazendo minha mesa e várias outras em Dom Joaquim; em algumas mesas aqueles peixes eram o único pão do dia.



## Cerzir do amor

Depois de horas de caminhada, cheguei ao Xambá, terreiro de minha infância. Desse lugar, escutei com as pontas dos dedos o que o meu nariz de criança me trazia à memória da adulta-criança que sou hoje. Escutei sobre o cheiro de mato verde daquela vassoura que dançava suas mais belas valsas nas mãos de minha mãe. Eram noites de Lua Cheia... E minha mãe aproveitava da luz da lua para se estender um pouco mais na sua labuta; e eu, enquanto fazia-lhe companhia, brincava com a Lua de esconde-esconde, de pique-pega ou de imaginar o que ela guardava em sua barriga. Na minha casa, o trabalho era conectado com a beleza e eu cresci vendo sentido neles para a vida.

Quando o meu corpo vira pincel, imagino-me um raio de fogo que canta para os vagalumes: “Vagalume Tumtum, seu pai tá aqui, sua mãe tá aqui, vem cá vagalume Tumtum” (Batone, 2007). As labaredas do fogão a lenha dizem de um dia de trabalho na roça, dizem do aroma da sopa de inhame, dizem do colo do meu avô Raimundo. Carinhosamente ele me chamava de Tuquinho. Diz do regresso do meu pai com a feira de peixes. E o calor do fogo: agasalho; sua fumaça e sua brasa: brincadeiras. Cada movimento era criação para a minha imaginação de criança. A vida em seus detalhes tinha cheiro de bica d’água e canção de manacá.

Você já subiu na galha do pé de Ingá na beira do rio e deu um salto? Você já ouviu o cantar do carro de boi enquanto se enche de milho? Você já sentiu o cheiro de bolo de fubá?

Quando a palavra faz laço eu vou no seu lastro. Sonhei que meus pés eram asas que eu poderia ser aquela massa no ponto que apalpa e afofa, os meus joelhos lembraram a cor cinzenta dos cabelos do meu avô; minhas orelhas lembraram da minha irmã que tinha um palmo a mais que eu e uma coragem de gigante. Era na mão dela que eu segurava para atravessar o rio, era no olhar dela que eu era atravessada pelo caramelo do sim.

Ontem quis girar bem rápido em torno de mim mesmo até sentir náusea e ainda com certo mal-estar tatear os riscos de se permitir a brincar com as memórias. Quem conta um conto aumenta um ponto?

Dormi com os pés mergulhados em poesia e nas perguntas de Neruda construí um sonho:

Onde está o menino que eu fui? Está dentro de mim ou se foi? Por que andamos tanto tempo crescendo para nos separarmos. Por que não morremos os dois quando minha infância morreu? E se minha alma se foi por que me segue o esqueleto? (Neruda, 2008).

Conto o ponto da história da queijeira do vovô Raimundo. Éramos pequenas e muito curiosas para literalmente colocar a mão na massa. Ficávamos ali na porta espiando cada movimento do meu avô. Com o seu olhar e a sua sensibilidade nos possibilitou experienciá-lo como mestre e no afeto fazíamos nossos queijinhos. Primeiro o fizemos com os olhos, depois já desenhávamos o sabor que era o chiado da fatia derretendo na chapa do fogão a lenha e naquela forminha miniatura que cabia na palma das nossas mãos, eu e minha irmã, delirávamos com a experiência. Sentíamos-nos assim: *Fui eu quem fiz.*

## O ziguezague do amor

Nove de maio de 2023, como uma trapeira, elejo as palavras que me faltam na minha resistência. Hoje, pela manhã, tomei uma xícara de café em companhia de VARDA (2000). Alimentei-me de "Les Glaneurs et la glaneuse", desse desejo que reside nos dejetos, dessa vida que pulsa nos restos.

“O caminhar como um ato revolucionário, o caminhar como uma teoria praticante. “ Labbucci (2013, p. 09). Coloco os meus pés, um após o outro, com o pensamento de que toda grande caminhada começa com o primeiro passo, sem querer assim, criar expectativas de um grande projeto para que não se torne um peso que eu não consiga sustentar. Através dos passos procuro esvaziar-me do que não seja eu. Parti às 08h30m ao ponteiro caótico e simbólico que me coloco nesse trajeto, iniciar o Rio do Peixe pelo vau do Bananal, por esse braço que desabrocha em suas águas, passando pelo fundo da casa de Sá Rita, por uma memória de infância que habita os meus sonhos de adulta.

Xambá, o lugar que habitei em minha primeira infância passou a ser o que habita minha memória. Desconfio que nessa simbiose de habitar e ser habitada por um espaço, lugar, objeto ou pela memória do que resta. Pelos restos tenho uma tessitura da costura do que eu possa chamar de EU. Nesses patamares onde a realidade se constitui do onírico.

Xambá, religião afro-brasileira, que só vim a saber recentemente. Nesse desejo da caminhada como metodologia, peço a benção a Exu, orixá protetor; guardião dos caminhos, porteiras e encruzilhadas; intermediário entre os homens e os demais orixás; em reverência coloco-me a caminhar.

São 9h30m nesse relógio de ponteiros atemporal. Nesse tempo que me marca pelo sensível, do morro do Senhor Tão adiante não me recordo mais do caminho; recordo dos sonhos que me habitaram em noites diversas, onde eu penetrava na trilha da infância com tanta liberdade. De verdade, eu voava e caminhava a dois palmos do chão, depois tocava suavemente aquela terra. Nos troncos largos das gameleiras pensei saber onde me encontrava; naquela árvore que para mim era morada das bruxas, dos entes encantados que cuidam da Terra e da saúde dos homens. Há alguns passos a frente escutava o Rio do Peixe e, aos poucos, ele foi se revelando. Em sua margem, reconheci a mim mesma e naquele círculo de pedras que chamávamos de prainha atravessei o Rio que há tanto inunda minha existência, resisto do que ele reside em mim.

Rosa (1994) fala da coragem necessária para as travessias. Firmei os meus pés, senti o agudo das pedras, a força de suas águas, minha necessidade de presença, é como se o rio me puxasse para a Terra, como se em um tropeço ele me rodasse e me restasse bailar em suas águas, nos riscos do seu percurso. Lembrei-me da canoa furada e do rio nervoso em seu volume, como se balançasse a minha estrutura familiar, cobrando ali, coragem.

Aprendi, desde muito cedo, a segurar nas pedras e bater as pernas nas águas, aprendi a escutar suas águas, a dialogar com os meus medos, a entregar as minhas expectativas, queria nadar, fazer mergulhos e precisava de paciência e coragem. “O tempo, compositor de destinos e tambor de todos os ritmos” VELO SO (1989). me mostraria quando a margem do outro lado seria alcançada às braçadas e que, deitada de costas nas águas, boiaria, ora de olhos abertos a contemplar os desenhos infindáveis que o sopro das nuvens se propõe a fazer a cada instante; a natureza me dando a medida da vida que é tão efêmera e surpreendente.

Surpreendida pelo som do chocalho, lá estava ela, a cascavel enrolada em si, com a cabeça levantada, preparava o seu bote, caso eu, despercebida a ameaçasse com aquele cajado de pau. Meu corpo atento saltou para trás e anunciou ao Marlon, meu companheiro de vida e viagem, a sua presença. Pegamos a câmera e como se ela compreendesse aquele código, olhando para lente, virou-se e deslizou desenhando um rasto pelo barranco vermelho. Passado o susto, compreendi aquela aparição como um chamado para a presença, para o corpo da Terra que é moradia de tantas vidas.

Fomos até a beira do rio, na prainha, e nos aliviamos das mochilas para sentir o mergulho gelado de maio, o sol que estava por trás das nuvens reapareceu, fazendo daquele fim de tarde um espetáculo que valia a pena ser vivido. Colhi a madeira seca que mais tarde seria o alimento que o fogo consumiria. Era Noite de Lua Cheia, e ela apontou no meio do rio, refletindo sua sombra nas águas, como um convite para dançar. Esse foi o chamado: dançar naquelas águas até entrar em exaustão.

## **Costura em faro**

Papa, cão-amiga, caminha ziguezagueando pelas margens, seu faro é que dita o ritmo e a direção. Não existe um caminho linear, com seus passos ela quebra as horas duras do relógio, transforma cada cheiro em um espaço a construir. Às vezes, ela constrói pelos rastros de uma lontra, noutras pela lagartixa que se esconde no buraco do barranco e em outras pelo canto do jacu. Sua cara mascarada com pingos de caramelo sobre o preto de sua pelagem. Gosta de carregar gravetos em sua boca e dispara em latidos ao ver outro animal.

Sua companhia me traz tantas outras memórias. De quando na infância, tempo em que era raridade as guloseimas como chicletes, chocolates e balas. Meu pai espirituoso como só, uma vez, colocou numa barrigada de filhotes esses nomes apetitosos ao meu paladar de criança e quando pedíamos um bubbalo, lá vinha ele abanando o rabo. Também me leva à festa de Natal, período de intensa chuvas e o rio engrossava, alargando suas margens e rompendo os limites. Nós ficávamos preocupados de como Papai Noel iria atravessar em sua carruagem aquelas águas. Eu pedia à Deus para fechar a torneira do céu para que o Papai Noel conseguisse deixar debaixo dos nossos travesseiros de criança aquelas gostosuras. Eram doces que se pareciam ao sabor de sonhos. No outro dia, as cascas de cada bala chupada viravam vestidos para nossa boneca feita de pena de galinha.

## **Alinhar do amor**

Sáímos, Marlon e eu, de tardezinha, nas mochilas o mínimo necessário, pois para caminhar é preciso estar leve e restringir-se ao essencial. O céu azul de inverno, sem nuvens, as linhas sinuosas dos morros, pontos amarelos intensos dos ipês contrastavam com aquele azul. Estava uma tarde muito agradável para caminhar. Quando o coqueiro perde sua cabeleira, ele mantém o seu corpo firme, estirado para o alto e no seu topo cria-se um oco. O papagaio do peito roxo aproveita-se desse oco para chocar seus filhotes. Ouvi seus grunhidos e quando olhei para o alto, vi aquela imagem que há tempos não habita minha paisagem. Lembrei-me do meu loro de infância, senti meu coração aquecido. “Quando nos entregamos aos lugares, eles nos devolvem a nós mesmos” (SOLNIT, 2016). Cada passo, naquele percurso, de dezesseis quilômetros, me aproximava mais de mim, de minha história e de minha infância. Aquele trajeto, que durante muito tempo, nos finais de semana, íamos a pé: eu, meus irmãos e minha mãe ao encontro de meu pai.

Por volta das 18h chegamos à prainha de minha infância, esvaziamos a mochila e fui tomar banho. O rio estava manso, a água estava gelada e com uma cor de guaraná. Depois, fomos montar a barraca que estava meio enjambrada, pois a vareta central estava quebrada. Coletei alguns gravetos para a fogueira e fui preparar o alimento. E aconteceu coisa rara no mês de julho, trovão e relâmpago, céu ficou pesado e disparou a chover. Molhou tudo dentro da barraca e tivemos que recolher as coisas e partir no trajeto de volta, antes que o rio engrossasse.

Foi aí que o caminhar se tornou uma aventura, lanterna com a luz muito baixa, um breu danado, aquela poeira fofa tornou-se um lamaçal, o tênis pesado. O corpo virou todo ouvido e o tato cresceu como gigante, o meu corpo dialogava com o entorno, essa era minha forma estar presente. Ali, eu compreendi o que é escutar com o corpo inteiro.

## **A sutura do amor**

Ao longo de um ano, repetindo o mesmo percurso pelo Rio do Peixe, a paisagem se renovava a cada passo. Certo dia, caminhando sozinha e atenta aos rastros dos bichos na trilha, avistei fezes de capivara e andei pisando devagar e com a respiração contida, queria encontrar com o animal, parei, olhei para os lados e, na outra margem do rio, lá estava ela deitada tomando o sol matinal, peguei a minha câmera e ela, mais esperta que eu, partiu rumo à mata. Fiquei frustrada por não conseguir registrar aquela presença em fotografia, fiquei pensando se ela sentiria captada a sua alma por mim naquele gesto.

Ao chegar em casa, quando fui escrever no meu diário, me recordei de quando criança, meu pai saía aos domingos de madrugada para caçar algum alimento para nosso sustento e em um certo dia, ele trouxe uma capivara que abrigava em seu ventre dois filhotes. Meu pai fez a cirurgia do parto daqueles serezinhos e deu para mim e a minha irmã cuidarmos dos filhotes. Acordávamos durante a noite para dar mamadeira para as capivarinhas... Elas cresceram e se tornaram adultas.

Lembro que andava pelo quintal com a capivara me acompanhando. Eu pensava que ela imaginava que eu era sua mãe e ali eu fazia o meu maternar. Eu gostava de me ver como mãe dela e lembro-me com o corpo inteiro o cheiro forte que ela exalava ao me ver. Um dia fui para escola e quando voltei ela não estava mais lá, procurei pelo quintal, em todos os cantos, olhei dentro das panelas com receio de terem a preparado para o almoço. Eu nunca soube o que aconteceu com ela e isso me deixou triste.

Senti-me uma mãe que havia perdido a sua criança, uma criança desaparecida e uma mãe que nunca perde as esperanças de encontrar o corpo do seu filho, vivo ou, na pior das hipóteses, morto, para que fosse velado, tivesse um enterro digno. Elaborar o luto daquele bichinho que um dia desapareceu e que de alguma forma reapareceu para mim na beira do rio. Depois de um tempo, compreendi a caminhada daquele dia como o funeral da minha Capivara.

O que existe entre um passo e outro?

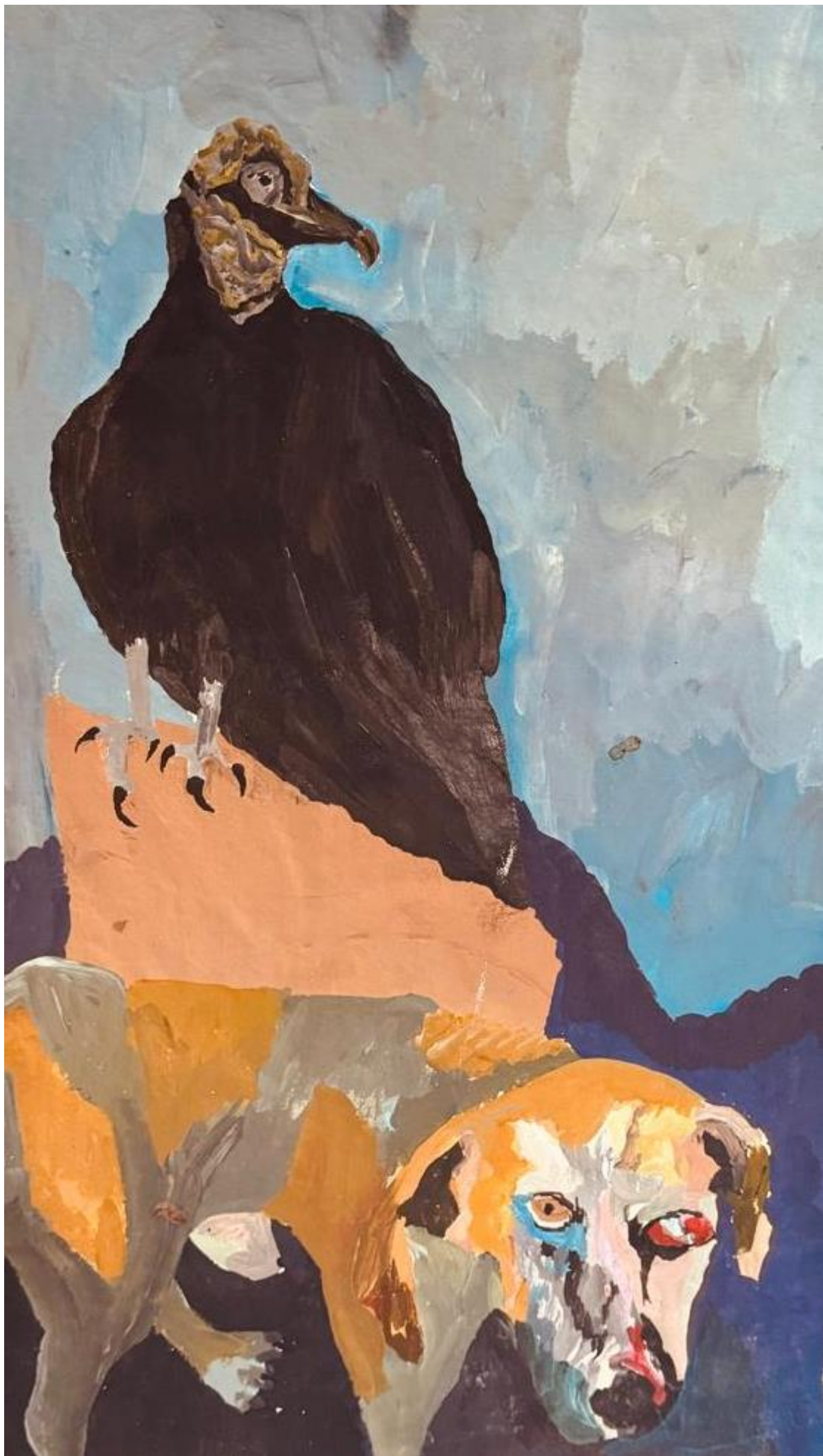
De onde nasce a escuta?

Por onde o corpo circula e o que nele renasce e cresce?



























No tempo que eu era criança me alegrava muito quando tinha sorte de encontrar um caramujo. Quando o bicho abandonava sua roupa, aquela concha, que cabia certinho na palma da minha mão, tornava-se meu brinquedo de fabricar sonhos. Colocava-a no ouvido para escutar o barulho do mar, do vaivém das ondas. Eu não conhecia o mar, não sabia qual era o barulho das ondas, mas durante muito tempo imaginei que o caramujo era também as orelhas do mar. Depois de muitos anos, ao caminhar margeando o Rio do Peixe, eu vi um caramujinho bem pequenino, colado na folha, fiquei pensando: Será o caramujo as orelhas das folhas? O que eles segredam entre si?



Caminhar leva a outros assuntos, caminhar  
é um tema que se extravia.





Alvin Cooper





Ao ler a obra *Caminhando no Gelo*, na qual o cineasta HERZOG (1982), ao receber a notícia que sua amiga, Lotte Eisner, estava muito doente, à beira da morte, ele acreditando que se fosse a pé de onde ele estava em Berlim até Paris, onde sua amiga estava internada, ela seria curada. Acredito que essa experiência do autor fala do amor. Ele caminhou 1000 quilômetros, do dia 23/11/74 a 14/12/74 e quando chegou ao hospital, embaraçado diante da situação em que sua amiga se encontrava, e naquele embaraço ele nos conta que uma palavra atravessou o seu espírito e ele falou: “juntos, vamos cozinhar um fogo e deter os peixes”. Eisner, o olhou com um fino sorriso e algo atravessou o seu corpo exausto e ele disse: “Abra a janela, há alguns dias aprendi a voar”.



## O desfecho da falta do amor

Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia  
E para onde ele vai  
E donde ele vem.  
E por isso, porque pertence a menos gente,  
É mais livre e maior o rio da minha aldeia. (PESSOA, 2005)

“Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui” (KRENAK, 2022, p. 11). Identifico-me com a maneira como KRENAK vê o rio. Como um ente de sua família, como um avô, criando assim uma relação de respeito e afetividade.

O rio é um caminho dentro da paisagem e através do exercício da escuta dele nos tornamos mais críticos sobre a ocupação do homem nos espaços. Nas grandes cidades, onde a humanidade, em aglomerado, se espalha por cima dos corpos dos rios sem nenhuma misericórdia. A humanidade mutila os rios causando-lhes vários danos através de atividades como: o garimpo, a mineração, esgoto e a apropriação indevida da paisagem. Krenak (2022) nos diz que o corpo do rio é insubstituível e ele está sendo fraturado, picotado, barrado e sangra num abuso absurdo dos que pensam que corpos existem para serem explorados. Ele nos provoca com a pergunta: “Será que vamos matar todos os rios?” (KRENAK, 2022, p. 25).

O rio é como a aorta, é a maior e mais importante artéria de todo o sistema circulatório do corpo da Terra. Se não escutarmos a sua voz, estaremos praticando suicídio.

A pandemia nos colocou cara a cara com a morte, mesmo assim, parece que aprendemos muito pouco sobre a vida e o que é essencial para vivermos em harmonia em sociedade. Em uma história do seu povo, Krenak, conta como a criatura humana é precária.

O Criador deixou uma humanidade aqui na Terra e foi para um outro lugar dos cosmos. Um dia ele se lembrou de nós e disse: “Ah, eu deixei minhas criaturas lá na Terra, preciso ver o que eles se tornaram”. Mas, enquanto fazia esse movimento incrível de vir até aqui nos ver, ele pensou: “E se eles tiverem se tornado algo pior do que eu posso conceber? O melhor seria não ter um encontro pessoal com eles. Vou fazer o seguinte: vou me transformar em uma outra criatura para ver as minhas criaturas”. Ele se transformou num tamanduá e saiu pela campina. Em certo momento, um grupo de caçadores, munidos de bordunas e laços, se encostaram numa paisagem, avançaram sobre ele, o prenderam e levaram pro acampamento com a intenção óbvia de comê-lo. Duas crianças gêmeas, que observavam a cena, evitaram que ele fosse levado para a fogueira. Ele então se revelou para os meninos, que, antes que os adultos descobrissem, acobertaram a sua fuga. Do alto de uma colina, os meninos gritaram: “Avô, o que você achou da gente, das suas criaturas?”. E Deus respondeu: “Mais ou menos” (KRENAK, 2020, p. 40).

## O desenlace do caminhar

“Caminhar é uma modalidade do pensamento. É um pensamento prático” ” LABBUCCI (2013, p. 09). Em sua poesia intitulada, “Elogio aos pés”, o autor nos conta sobre os pés que suportam o peso, que sabem se manter sobre apoios mínimos, sabem dançar, não empunham armas e não mentem. Caminhar é a afirmação mais direta e explícita da nossa irreduzível condição de seres humanos em um mundo dominado pela técnica, sendo ao mesmo tempo, meio e fim, travessia e meta. No caminhar predomina a dimensão do prazer e da curiosidade como fim em si, não como instrumento para qualquer outra coisa. O caminhar como pensamento dialoga com a questão de quem somos, onde estamos, para onde vamos, pois, é uma experiência que exprime abertura para o mundo e para si mesmo.

“Não conheço nenhum sujeito de nenhum povo nosso que saiu sozinho pelo mundo. Andamos em constelação” KRENAK (2020, p. 39). Acredito que essa maneira de caminhar considera o caminhar uma atividade consciente e na qual se atribui a ele um significado em si mesmo. É urgente mudar em direção a uma transformação ecológica da economia e da sociedade, é preciso restringir-se ao essencial.

Na perspectiva reflexiva do andar em constelação, da ideia do coletivo, de estarmos andando aqui na Terra e por outros lugares também, há a crítica à humanidade que elege uma casta e exclui todos que estão fora dela e todas as outras formas de vida são colocadas à margem do caminho. Essa certa humanidade acredita que o caminho é o progresso com a ideia prospectiva de que estamos indo para algum lugar. Estamos indo para lá, no horizonte e no percurso vamos largando tudo que não interessa, sobrando-nos, a sub-humanidade. KRENAK (2020)

FLUSSER (2014) nos alerta sobre essas mãos que, primeiro se estendem rumo ao mundo, com os braços abertos e as palmas encarando uma a outra, como um gesto de acolhimento. Em primeira instância gestos que aparentam amistosos, mas que na verdade são violentos, dividindo o mundo em região entre as palmas que admite, e em região além das palmas que recusa. Ao excluir todo o resto, abrem o canal pelo qual o futuro é admitido.

## O ponto da caminhada e da escrita

A escrita é caminhar entre as letras, em suas várias combinações; é o arranjo das letras em palavras, das palavras em frases, das frases em pensamentos; dos pensamentos em narrativas, das narrativas ao singular do sujeito. Do singular à minha história de vida, ao meu modo de olhar, a minha forma de interpretar o que vejo; de transformar minha experiência em outra experiência que é a escrita. A escrita que parte do eu em encontro ao outro; aos outros que me habitam e dialogam com os meus pensamentos, com minha forma de ser e ocupar o mundo.

Uma maneira de ser transformada e transformar o espaço onde vivo. Estar no presente e na presença, assim é a experiência do escrever como uma caminhada. Como um barro nas mãos do oleiro, ir me moldando em minhas formas inacabadas, nas minhas incertezas, naquilo que não sei aprender a perguntar e muito menos responder.

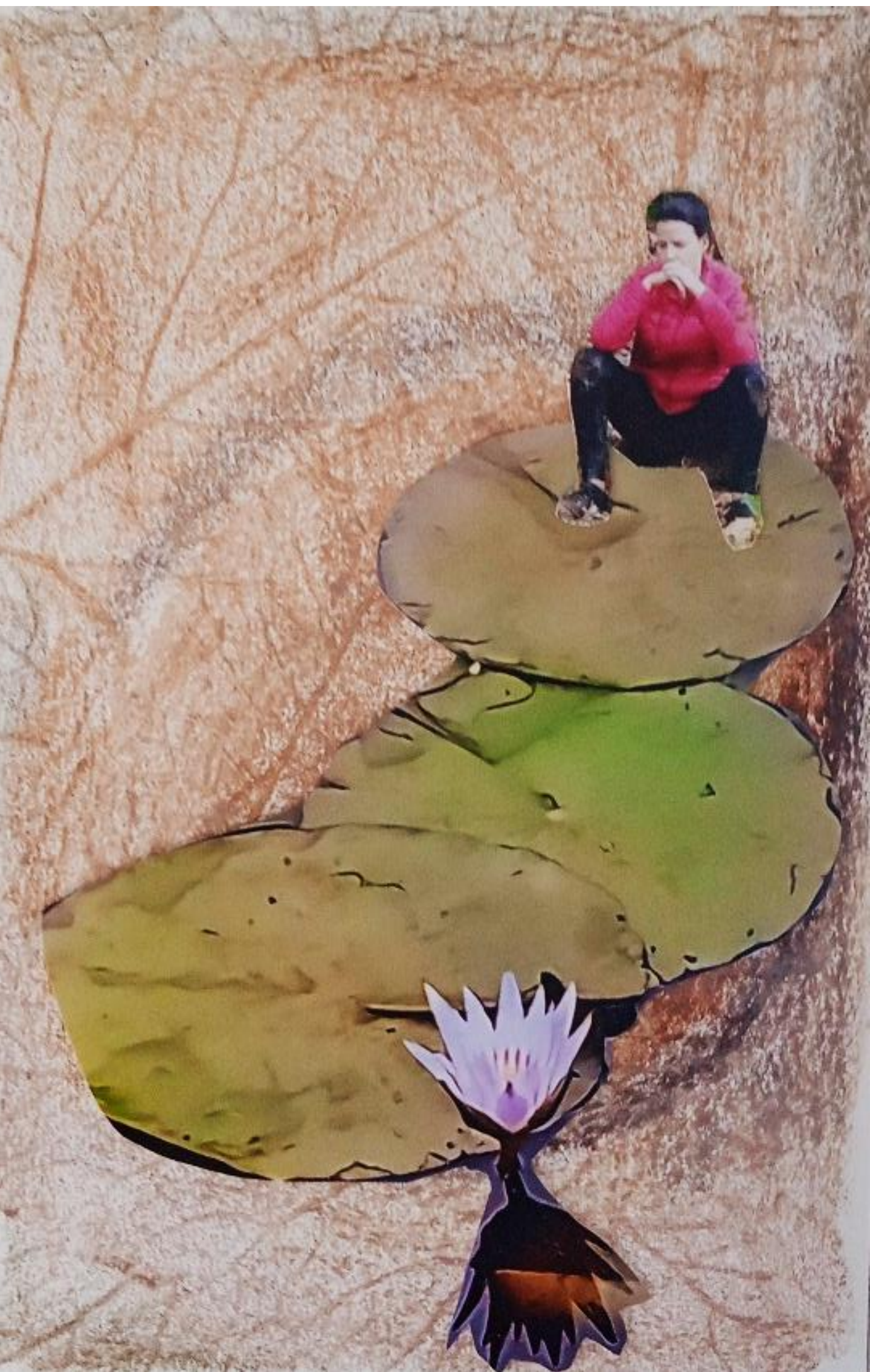
Para se perguntar é necessário humildade. Aqui, refiro-me à humildade que se relaciona ao chão, com o pisar no chão e percorrer o caminho. Caminhar, e caminhar se constrói caminhando, é caminhando que experiencio e me relaciono com o meu entorno, é caminhando através das perguntas que construo conhecimento.

[...] quem caminha adquire humildade, seja por necessidade, seja por virtude própria, aprende a não se considerar autossuficiente, a ver os outros como semelhantes, dos quais, na imprevisibilidade do caminho, se pode precisar. A etimologia nos ensina que a humildade é palavra central e qualidade eminente do caminhar: *humilitas* tem uma relação direta com o húmus, com a terra. É percorrendo com os nossos pés que nos fazemos humildes (LABBUCCI, 2013, p. 58).

A caminhada é o espaço onde eu me liberto de minhas certezas, é o que me permite o encontro comigo mesma e com os outros. Quando me refiro aos outros, falo de uma forma mais ampla, o outro pode ser um rio ou uma criança que brinca em suas águas. Abrir-se ao mundo é estar atenta aos idiomas que ele fala. Os acasos são uma dessas falas e, às vezes, não compreendemos o seu idioma.

Dessa forma, fui caminhando entre os passos, a leitura, a escrita, a memória e os desenhos na feitura dessa pesquisa. O mais importante do *Rio Do Peixe: Cartografia de uma Caminhada* foi o processo. Acredito que “O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 1994, p. 86).





## REFERÊNCIAS

BATONE. Rosa dos Ventres. Marília: Selo 1212, 2007. Virtual (4:42). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=rhR\\_Qn0U98c](https://www.youtube.com/watch?v=rhR_Qn0U98c). Acessado em 21 dez. de 2021.

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013a.

FLUSSER, Vilém. **Gestos**. Apresentação Gustavo Bernardo. São Paulo: Annablume, 2014.

GALHARDO, CARLOS. Índia seus cabelos nos ombros caídos. 1939

HERZOG, Werner. Caminhando no gelo. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1982.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Organização Rita Carelli. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LABBUCCI, Adriano. **Caminhar, uma revolução**. Tradução Sérgio Maduro. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LABBUCCI, Adriano. **Caminhar, uma revolução**. Tradução Sérgio Maduro. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2016. 175 p. (Coleção educação: experiência e sentido).

NERUDA, Pablo. **O livro das perguntas**. Tradução: Ferreira Gullar. Cosac Naify. 2008.

PESSOA, Fernando. **O Guardador de Rebanho**". 1ª publ. in Athena, nº 4. Lisboa: Jan. 2005.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

VARDA, Agnès. **Les Glaneurs et la glaneuse**. Documentário. 2000.

VELOSO, Caetano. **Oração ao Tempo**. Cinema Transcendental. CD 838 289-2. Philips, 1989.